

# EXPOSIÇÃO ANA SÉRIO

*Ainda se movem*

José Marmeleira\*

Há uma frase em *Finisterra. Paisagem e Povoamento* de Carlos de Oliveira que retive na memória, depois de olhar trabalhos de Ana Sérgio. Passo, se me permitem, a citá-la: “e a luz suaviza-lhe o rosto, a apreensão desaparece”. Não posso explicitar, sem mais, o motivo desta afinidade entre aquilo que vi – pinturas sobre papel e tela, gravuras – e a frase do escritor e poeta. Mas tentarei. É verdade que a artista tem vindo a meditar sobre essa cartografia visual, desenhada pelas palavras que Carlos de Oliveira nos deixou na sua obra, mas se há uma cartografia em *Ainda se movem*, é feita de cor e luz. É pictórica e composta de fragmentos com títulos distintos: *Gisandra, Casa da duna, Invocações, Território, Filtro, Rasgão, Frémite, Ser-paisagem, Aresta, Ave Solar, Espelho de Tinta e Nuvens*.

Repousemos nas gisandras que dão o título a dois desenhos sobre papel. O que vemos representado (caules, veios, uma cúpula?) permite-nos intuir uma relação com a terra e o mundo vegetal. E, no entanto, o que se nos revela é uma transfiguração operada pelas pinceladas delicadas e decididas, no esplendor que elas exprimem. Línguas de vermelho no azul, o azul a entrar no vermelho, num rasgo, num frémite que se repetirá, com o milagre da magia, noutras pinturas.

Porque há de facto uma esperança na pintura de Ana Sérgio. Uma esperança que é, sobretudo, um crença solitária e paciente nos materiais, nos gestos, nas cores e na imaginação do pictórico. Nada mais e tanto. Neste sentido, poderíamos dizer que a sua pintura invoca outra frase do escritor e poeta: “Magia, imaginação limitam-se a colher o rigor submerso da realidade. Os números e a geometria em que o mundo repousa”. Ora, o método sensível de Ana Sérgio é precisamente esse. Do desenho à pintura, do papel à tela, enveredando pela técnica da monotipia em desenhos onde as cores liricamente se crestam, busca esse misterioso halo que protege e sublima o mistério infável da realidade.

Como o faz? Por meio de uma pintura em que a abstracção cintilante e meiga se harmoniza com uma violência que só as cores iluminadas, nas suas relações, podem amenizar. Vejamos *Casa da duna IV*, *Casa da duna V*, *Ser-Paisagem VIII* ou *Ser-Paisagem XIX*. Não se vislumbra nelas a decadência poética que os personagens do livro procuram salvar com as suas representações antes do fim do lugar. As casas, as paisagens, os seres resplandecem, ainda irradiam halos. Em *Casa da duna IV* e em *Casa da duna V* brilha o fulgor lírico da cor, a alegria dos sentidos que antecede o gesto e se exprime sem entraves, com deleite, desprendido, no papel. Porque há um deleite na vida da cor que se desprende dos movimentos das mãos e dos braços da artista. Ana Sérgio não pinta, sublinhe-se, o que imaginou da leitura da obra de Carlos de Oliveira; pinta – ou antes – torna visível na sua pintura o reflexo do que leu, faz aparecer uma ideia que é a sua – visual, orgânica e pictórica – com os olhos do espírito após os seus encontros com a escrita.

Reparemos em *Ser-paisagem VIII* ou *Ser-paisagem XIX*. É como se a pintura mais do que *ser paisagem*, fosse *pintura* com a matéria, a espessura, cor e a luz da pintura. São obras que fazem algo que só a grande pintura, sonho não domesticado, alcança: *pintam-nos os olhos, torna-nos pintores sem sabermos o que é o gesto do pintor. Ainda se movem*. Tal noção de movimento dardeja em *Rasgão* – o castanho queimado numa diagonal violenta; em *Frémito* – o laranja incondescendente a tombar sobre o azul, que lhe resiste; ou na vertigem, com as pinceladas suaves e largas, que solta *Ave Solar*, ser cujo liberdade só a pintura de Ana Sérgio pode dar (e aqui não será pertinente pensar noutras histórias, noutras pinturas da Pintura?).

Como este *ser animal*, também os filtros são uma presença no romance de Carlos de Oliveira. Tomam nomes ou designações objectivas e mundanas - vidraça, caixilhos, vidro, garrafa, janela – mas, quando na pintura de Ana Sérgio, não se limitam a reproduzir ou a representar a realidade ou o território. Do mundo tornado visível pela escrita, Ana Sérgio filtra (ou pinta), recorrendo a várias possibilidades cromáticas, planos, segmentos, linhas, horizontes. Podemos dizer, também, que, citando Carlos de Oliveira, atenua o excesso celeste, que fixa, num desejo de intemporalidade, os tempos – que são as cores, da própria pintura e menos de uma paisagem na sua acepção mais tradicional. Numa destas telas, esse desejo aparece efervescente, qual mancha a encharcar de rosa de vermelho a tela.

É uma pintura fortíssima, esse filtro que desenha um parentesco com as séries *Invocação* e *Espelho de Tinta*. Mas, antes de olharmos estas séries, observemos os trabalhos sobre os quais a noite parece descer, deixando visível a radiação. São as gravuras às quais Ana Sérgio deu o título de *Nuvens*. O processo (monotipo) é mais lento e sopra nebulosas sombreadas. Mas não é afinal da sombra que nascem as imagens? Imagens e revéberos que furam a cinza com um azul precioso, quase alcalino e, todavia, sempre terrestre. Não são apenas gravuras abstractas estas nuvens que nascem da arquitectura submersa das coisas: dão ao mundo da pintora – que é o nosso – algum sentido.

Já as *Invocações* aproximam-se de nós, fisicamente, corpo contra corpo, ou corpo sobre corpo. Ameaçam sair das telas, como se quisessem ser outra coisa que não pintura, continuando a ser pintura. Talvez porcelana. Mostram-se luminosas e orgânicas, nuas e duras, já marcadas pelo tempo que o gesto lhes deixou. A cartografia que formam existe fora da tela, com a cor, a luz, a mancha, mas já sem ilusão. Ainda que com a esperança na vida perene da pintura, esse enigma que Ana Sérgio persegue na paisagem que é uma superfície.

\* Professor e crítico de arte